

ASSUNTOS DE CULTURA PROFISSIONAL

"A arte da guerra é, antes de tudo, uma arte simples e de pura execução."

Napoleão

*

"Não é um gênio que me revela, no momento e em segredo, o que tenho de dizer ou fazer, em uma circunstância para todos misteriosa: — é a reflexão, a meditação."

Napoleão

*

"A realidade do campo de batalha é que aí não se estuda; simplesmente faz-se o que se pode para aplicar o que se sabe. Portanto, para poder um pouco, cumpre saber muito e sabê-lo bem."

Marechal Foch

A Invasão do Sul da França

(Conferência pronunciada na Escola de Estado Maior)

(Em Abril de 1945)

Cap. HUGO MANHAES BETHLEM, E. M.

C A P Í T U L O I

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

I — INTRODUÇÃO

Sejam minhas primeiras palavras um preito de respeito á esta Casa, porque foi aqui, que pude adquirir a mais larga soma de conhecimentos especializados em minha vida, bagagem cultural e profissional que não constitue para mim um egoístico orgulho, mas a satisfação de lembrar que ela é

a mesma ou semelhante, a de centenas de oficiais de nosso Exército possuidores, hoje ou amanhã, do título de Estado Maior. A essa unidade de doutrina — patrimônio valioso — cuja excelência é comprovada em presença da maior Guerra que a humanidade até hoje já desencadeou, rendo as minhas homenagens. É este, aliaz, o principal objetivo desta conferência a qual desdobrarei da seguinte forma :

A) — Tentando demonstrar, através o estudo de um caso concreto — exemplo histórico desta segunda Guerra Mundial — que nossa doutrina, assentada em princípios básicos, num método de raciocínio e numa técnica de trabalho, permanece inteiramente atualizada.

B) — Procurando ressaltar que esta 2.^a Grande Guerra diferencia-se das demais, particularmente, pela vasta evolução dos meios, postos pela técnica à disposição dos Chefes, permitindo maior flexibilidade á concepção e à execução da manobra, ampliando as velocidades, distâncias e dimensões e, colocando em ação, novos processos de combate e sistemas de comando.

C) — Destacando a importância que nessa evolução representam a Aeronáutica e os modernos meios de ligação e transmissões.

D) — Afirmando, que a Guerra ainda é "uma luta entre vontades em que vence a mais forte" e, que a vontade do Chefe, deve refletir a vontade nacional para a vitória da qual toda a Nação colabora. Assim, os Exércitos modernos têm que refletir em sua organização, instrução, disciplina e forma de fazer a Guerra a "formação social dos respectivos povos". E, si isto fôr realizado, é possível a vitória mesmo com meios reduzidos.

II — DOCTRINA DE GUERRA

A) — Compreendemos a Doutrina de Guerra, não somente, como um conjunto de princípios e leis consagrados pela experiência, que aplicados segundo um método de raciocínio conduzem à solução de problemas táticos ou estra-

tégicos, mas também, a influência que sobre isso exerce a atitude filosófica do povo com respeito à guerra — já que as forças armadas são a nação em armas — atitude essa, que define o móvel da guerra, a sua política, a sua conduta e a responsabilidade em executá-la.

B) — Assim sendo, a Doutrina se apresenta sob dois aspectos principais :

— um político-social, que ultrapassa as responsabilidades dos chefes militares mas exige a cooperação dos mesmos;

— outro, eminentemente militar e, na realidade, complemento do primeiro.

C) — De fato eles se completam, porque o Chefe, os estados maiores, a tropa e os serviços, as Forças Armadas enfim, são o próprio povo, dêle promanam, e só cumprem com êxito suas missões, quer na paz quer na guerra, si refletem realmente em suas organizações, instrução, disciplina e forma de realizar a guerra, o aspecto político-social, resultante da formação histórica desse mesmo povo.

III — *A DUAS CONCLUSÕES PARTICULARES QUE NOS INTERESSAM AQUI, CHEGAMOS COM ESSE RACIOCÍNIO :*

A) — *que as Forças Armadas Norte-Americanas são assim constituídas.* Refletem a formação social da Nação. Nesta, o homem é o principal elemento. Este alto sentido de valor individual, criou um tal respeito mutuo, uma tal confiança na responsabilidade de cada um e, uma tal honestidade profissional, que influencia diretamente todas as suas organizações coletivas, como nas Forças Armadas, por exemplo, onde é sentida desde a disciplina, o recrutamento de praças e de oficiais, a ascensão hierárquica e a repartição de funções, até a pronunciada tendência de descentralização do comando. Descentralização essa, que não prescindindo jamais do *comando único* para todos os escalões, permite pela confiança depositada nos chefes subordinados e, no próprio soldado, — num apelo constante às suas iniciativas

— que as ações se desenrolem em largas frentes e grandes profundidades, tornando-se mais rápidas, mais flexíveis e apoiadas em ordens cada vez mais simples.

B) — *que uma doutrina de guerra comporta, uma parte científica e uma parte artística :*

— Científica, assim chamamos, a que diz respeito às leis e aos princípios, segundo um método de raciocínio e uma técnica de trabalho.

— Artística, a que trata da forma porque isto é aplicado em presença de cada caso particular, influenciada poderosamente, pela personalidade do chefe, a técnica e habilidade de seus estados maiores, o valor e a eficiência de suas tropas e serviços, todos animados por uma vontade nacional ou internacional.

IV — A NOSSA DOCTRINA

A) — Assim quando asseguramos que nossa Doutrina é certa e atualizada, só nos referimos à sua parte mensurável — sua estrutura científica — visto como a outra parte, por artística, é imponderável e ilimitada.

B) — Como se objetiva, então a parte científica de nossa Doutrina? O que acreditamos como leis e princípios, método de raciocínio e técnica de trabalho?

Dizem as nossas Instruções Provisórias para o Emprego Tático das Grandes Unidades, que muito de leve foram influenciadas pelos acontecimentos iniciais desta 2.^a Grande Guerra :

1) — que os princípios fundamentais, gerais e permanentes das operações de Guerra são os seguintes :

— *impôr a vontade ao inimigo*, pela ação do grosso das forças nas condições de espaço e tempo mais favoráveis;

— *conservar a liberdade de ação*, a despeito do inimigo, o que se consegue pela informação e pela segurança;

— *empregar os meios com economia de forças*, para ser o mais forte no ponto e no momento desejado.

2) — que a aplicação desses princípios constitue a própria essência da manobra. Manobrar é realizar oportunas concentrações de forças e combinações de esforços em espaços ou direções correspondentes aos fins vizados.

- 3) — Diz ainda, que para o bom êxito, o Comando
- procura realizar a *surpresa*
 - fazer *previsões antecipadas* para não ser surpreen-

dido. Que a surpresa obtem-se pelo *segredo* da preparação, *velocidade* da execução e pelo *imprevisto* dos meios e processos empregados. Que a previsão deve ser feita com *amplitude*, procurando eliminar o acaso, não excluindo porém as *iniciativas audaciosas*, por vezes as mais fecundas e talvez as únicas aceitáveis, contanto que executadas com método e energia.

4) — Considera ainda, que a *unidade de ação* é essencial para o bom êxito da batalha ofensiva.

5) — Que a *idéia de manobra* é materializada por uma direção e por objetivos a atingir, sendo a 1.^a imperativa como elemento essencial da disciplina pelo ponto de vista tático e estratégico.

6) — Finalmente decompõe a batalha ofensiva em 3 fazes :

- a preliminar
- a de execução
- a de aproveitamento do êxito

considerando que na prática elas podem não se suceder assim ou mesmo serem algumas suprimidas.

7) — Faz-nos compreender que

— o ataque é o fogo que progride, donde sua superioridade

- que não se deve lançar homens contra material.

C) — Constitue o método de raciocínio :

Em presença de uma situação, analisá-la à luz de fatores clássicos — missão, terreno, inimigo e meios — chegando á uma decisão.

D) — Constitue a técnica de trabalho:

— Reunir os elementos necessários a aplicação do método, fornecendo ao Chefe para a decisão, todos os dados capazes de influírem no problema.

— Viver a decisão como se sua fosse e à luz da mesma, redigir os planos para sua execução, os quais comportam o acionamento de vários meios.

— Transformá-los em ordens, após aprovados, para a respectiva execução.

— Acompanhar a evolução da ação e imprimir energia e presteza à conduta do combate.

— Prever sempre com larga amplitude e executar curto, perseguindo sempre a idéia de vitória com a mesma fé em todos os momentos.

— Ter a necessária flexibilidade para adaptar-se prontamente às contingências da batalha e riscar o impossível do vocabulário de guerra.

V — OUTROS ESCLARECIMENTOS INICIAIS

Como daremos destaque a ação da Aeronáutica e dos modernos meios de ligação e transmissões, cremos que será vantajoso — para uma melhor sequência do raciocínio — recordar aqui a moderna doutrina de emprego do poder aéreo e como os Exércitos Aliados, solucionaram o problema do Comando nesta 2.^a Guerra Mundial.

A) — As autoridades americanas consideram que as Forças Aéreas, Terrestres e Navais, são co-iguais. Neste mesmo nível de igualdade, uma não tem a missão de apoiar as outras; todas, cooperam para um mesmo fim que é a vitória.

— Isto evidentemente traz um sério problema, o da unidade de comando, o qual as Forças Americanas resolveram com notável capacidade.

— A solução foi encontrada na própria compreensão da doutrina, — definindo os fins da guerra e como atingi-los — da missão decorrente de cada uma das Forças Armadas, das

características geográficas dos Teatros de Operações, do inimigo e da natureza dos meios.

B) — Considerando, que à despeito de todo o desenvolvimento técnico, é ainda o pé do infante que ocupando o terreno do inimigo decide a batalha e, que para levá-lo até lá, todos os meios possíveis e imagináveis precisam colaborar; e, considerando a especializadíssima forma de combate da Aeronáutica — as autoridades americanas encontraram como acôrdo tácito, que nos T/Op. em que o fator geográfico dominante é a terra (Europa por ex.) — o Comando é do Exército; onde o fator geográfico dominante é o mar — o Comando é da Marinha. A concepção e emprego das Grandes Forças Aliadas repousa nos trabalhos de uma Junta de Chefes de E. M., que em mesmo pé de igualdade podem decidir serenamente, sobre os destinos das respectivas nações, por que acima deles paira em suas consciências de homens privilegiados, esses próprios destinos.

C) — A Força Aérea Americana e Aliada é repartida em Aviação Estratégica e Aviação Tática. (ver quadro n.º 1). Essa repartição, dotando-as de diferentes tipos de aviões, dá-lhes diferentes finalidades:

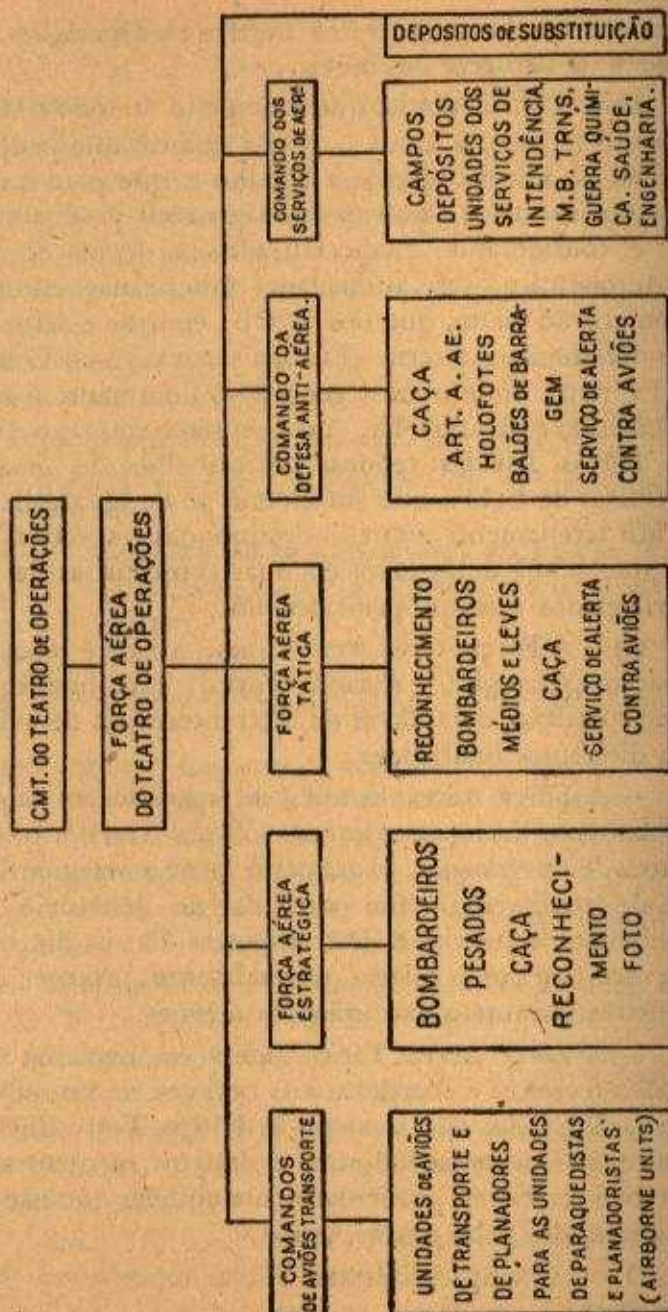
— A Força Aérea Estratégica engaja-se em missões de bombardeio de longo alcance, sobre o território inimigo dentro de seu alcance, usualmente bem a retaguarda da linha de frente, com o fim particular de destruir o sistema econômico, industrial e de transportes da nação inimiga. Sua caça tem como missão, normalmente, proteger os bombardeiros durante a execução das missões.

— A Força Aérea Tática, opera em regra na zona da batalha terrestre e coordena seus esforços com o esforço terrestre. Servindo, não somente às Forças Terrestres mas ao Teatro, seu principal objetivo é destruir ou neutralizar os objetivos terrestres, particularmente aqueles que não podem ser alcançados pelas outras Armas.

D) — O emprego dessas Forças repousa na seguinte doutrina:

QUADRO Nº 1

A FORÇA AÉREA DE UM TEATRO DE OPERAÇÕES



— conquista da superioridade aérea como 1.^a condição de sucesso de qualquer operação em terra ou no mar.

— isolamento do campo de batalha.

— cooperação com a manobra de superfície.

1) — Entretanto essas 3 fazes :

— conquista da superioridade aérea, cuja responsabilidade é integralmente do Comando da Força Aérea;

— isolamento do campo de batalha, cuja responsabilidade é deste também, mas em cooperação com o Comando Terrestre;

— cooperação com as tropas terrestres — cuja responsabilidade é do Comando terrestre;

não podem, na prática, ser separadas em compartimentos estanques, porque normalmente se desenvolvem juntas e, a manutenção da superioridade aérea é continuada, até que a Força Aérea inimiga esteja completamente eliminada.

2) Das características de emprego da Força Aérea, duas nos interessam sobretudo :

— uma é a *flexibilidade*, que se entende como a possibilidade de empregar em massa toda a Força Aérea do T/Op.

— outra é a *subordinação de comando*, que mantém toda a Força Aérea nas mãos dos Chefes da Aeronáutica, sendo absolutamente excepcional, o Comandante do T/Op. colocar á disposição de unidade terrestre qualquer fração de unidade aérea.

3) Aliás, são essas características, particularmente a flexibilidade, que aproximam as missões da Força Aérea Estratégica e Tática, e permite que unidades da 1.^a atuem em missões rigorosamente táticas.

a) A Força Aérea Estratégica conquista a superioridade aérea, atacando as fábricas de aviões, de acessórios e peças, os depósitos, poços e destilarias de petróleo e óleo, os centros de formação de pilotos, tripulações e guarnições terrestres. Coopera no isolamento do campo de batalha, atacando os importantes centros de comunicações em território inimigo,

os principais pontos críticos, as represas de fornecimento de energia elétrica e meios propulsores dos transportes; coopera no ataque das forças terrestres, nos momentos críticos ou em reforço quando disponível.

b) Além disso, ambas, Força Aérea Estratégica e Força Aérea Tática, cumprem outras missões semelhantes :

— A 1.^a com o reconhecimento foto de longo alcance, e a defesa anti-aérea de suas próprias instalações.

— A 2.^a com o reconhecimento visual e fotográfico e a defesa anti-aérea do território do T/Op.

E) — A simples descrição dessas missões e características demonstram a importância fundamental dos meios de ligação e transmissão. De fato, o êxito das operações coordenadas dos Aliados repousa, de um lado, no G. L. O. System (Ground Liaison Officer System) e de outro — na riqueza e perfeição dos meios elétricos de transmissões, particularmente o rádio e, do grão de perícia técnica do pessoal que o utiliza.

O sistema de ligação "G.L.O. System" (1) é realizado por oficiais terrestres especializados nessa tarefa, normalmente de E.M., dispondo de meios próprios de transmissões, telefônicos e rádios, acionados por equipes próprias. Esses oficiais com suas equipes, são distribuídos por Exércitos, funcionando em cada Q.G. de Div. e Corpo de Ex. e, cada E.M. de unidade aérea que trabalha com o Ex. A rede de comunicações que traçam, é centralizada no Exército (Army Air Section) — o qual se liga com o Centro de Controle Tático da Aeronáutica, (Tactical Control Center) com os demais Exércitos, Grupos de Exércitos e Cmt. do Teatro de Operações.

F) — Visando, ainda, compreensão melhor do que iremos espôr, convém esclarecer

— 1) A correspondência das unidades aéreas com as terrestres no Ex. Norte-Americano é a seguinte :

1) Para informações mais completas sobre o assunto ver Defesa Nacional junho 1945, março e maio 1946. — Cap. Geraldo de Menezes Côrtes: "A Ligação das Forças Terrestres e Aéreas".

— Tactical Air Command (Comando Aéreo Tático), correspondente à Divisão mas é normalmente destacado para trabalhar com o Exército. Aquele nome não é padronizado entre os Aliados. — Assim é, que a Western Desert Air Force dos Ingleses que trabalhou com o 8.º Ex. embora chamada Air Force, é na realidade um T.A.C. (Tactical Air Command).

— Tactical Air Force — (Força Aérea Tática) corresponde a Corpo de Exército.

— Acima desta vem a Theatre Air Force (Força Aérea do Teatro) e finalmente a Army Air Force (Força Aérea do Exército Americano)

2) — O número de aviões por Grupo é em regra:

| | |
|----------------------|-----------------|
| Bombardeiros pesados | — 12 |
| " médios | — 16 |
| " Leves | — 16 |
| " em mergulho | — 16 |
| Caça | — 25 |
| Transporte | — 13 Av. |
| | — 26 Planadores |
| Reconhecimento | — 18 (serviço) |
| | 3 (ligação) |

O número de Grupos por Regimentos é em regra de 3 por Regimento. A unidade operacional é normalmente o Regimento ou a Brigada.

VI — CHEGAMOS AO FIM DAS CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

— com a afirmação de que tudo que anteriormente descrevemos, funcionou numa só direção e para um só fim, porque foi animado por uma só vontade. Apesar de todos os arrojos da técnica e da importância do material, a origem primeira do sucesso, repousa ainda nas forças morais. São elas que congregam as nações e animam os homens a inven-

tar e construir esse material, são elas que inspiram o seu perfeito emprego para que ele se imponha à excelência do material inimigo. São elas, ainda, que permitem a vitória, para aqueles que têm fé e a perseguem continuamente, á despeito de tôdas as dificuldades.

CAPÍTULO II

O PLANO DE MANOBRA

I — A SITUAÇÃO

A) Nos 1.ºs meses de 1944, tendo em vista o quadro da situação geral da guerra na Europa e a distribuição dos meios nessa época, a *Junta de Chefes de E. M.* em Washington, decidiu aprovar a operação de Invasão do Sul da França, procurando fazê-la coincidir com a Invasão da Normandia já nessa época prevista para junho daquele ano.

B) Em vista dos êxitos alcançados pelo Gen. *Mark W. Clark* na Itália, foi lembrado o nome desse Chefe para conduzir essa operação. Convidado, declinou da honra, declarando que já tinha a sua guerra, tarefa que só terminaria quando ultrapassasse os limites geográficos da Itália. Entretanto, concordaria em ceder meios disponíveis sob seu comando nessa época.

C) Essa inteireza moral de *Clark* veio permitir o aparecimento e a revelação de mais um notável chefe militar, o *Gen. Alexander M. Patch Jr.*, Cmt. do 7.º Exército Americano e futuro Comandante em Chefe da operação projetada.

A esse tempo, o 7.º Exército estava com seu Q. G. na Sicília dispondo somente do Comando, E. M. e elementos orgânicos de Exército, inclusive Serviços.

E) Na frente ocidental da Europa, os alemães de posse de todo o território então chamado "fortaleza Européia" preparavam-se para enfrentar a já prometida invasão aliada, partindo da Inglaterra. O notável êxito do desembarque aliado na África e consequentes campanhas da Tuní-

sia, Sicília e Itália tornaram possível uma invasão pelo sul da França, contra a qual os alemães também se preparavam, reforçando sem sacrifício da frente ocidental, as defesas e as fortificações daquela zona.

F) No interior — os “*Maquis*” realizavam poderoso movimento de resistência subterrânea.

G) Na frente oriental desenrolava-se a ofensiva russa.

H) Pelo céu “a fortaleza sem teto” na expressão de *Roosevelt*, era bombardeada pela Aeronáutica Aliada, que com suas forças estratégicas arrasava as indústrias alemãs, buscando a derrota do inimigo pelo esgotamento de seus meios econômicos, de produção e de transporte e, conquistando a superioridade aérea pela eliminação das fontes criadoras de sua Arma Aérea. Aí sobressaíam a 8.^a Força Aérea, localizada na Inglaterra e, a R. A. F.

I) No Teatro de Operações do Mediterrâneo, as 12.^a e 15.^a Forças Aéreas Americanas e a Desert Air Force Inglesa, com bases na Córsega, Sardenha, Itália e África, buscavam obter a absoluta superioridade aérea que aliás já se esboçava.

J) No mar a Esquadra Aliada já era senhora do Mediterrâneo.

II — A MISSÃO

A *Junta de Chefes de E.M.*, decidiu então, que a operação, conhecida, em código, por operação ANVIL seria franco-americana, com ajuda inglesa e Comando americano e, para isto, firmou suas Diretrizes, baixadas em fins de maio, para desencadeamento em agosto, já não pretendendo mais, portanto, que a operação fosse realizada ao mesmo tempo que a invasão da Normandia. A operação que teria a supervisão do *Comando Aliado do Teatro do Mediterrâneo* (Allied Commander of Mediterranean Theatre) se estribava numa *Missão e num Objetivo* que em síntese visavam o seguinte :

A) — Induzir os alemães a levar para o Sul da França os Exércitos que guarneciam a região ao Norte do Rio Sena e a Bélgica, afim de abrir outro caminho mais curto para a fronteira da Alemanha pela região extremo Norte da França.

B) — Anular as possibilidades de forças alemãs da Itália, sob o comando de *Küsselring* agirem na França Meridional, através a fronteira, sobre o flanco direito das forças de *Eisenhower* (2) e, ao mesmo tempo pela ameaça à retaguarda daquelas, forçá-los a retrair, facilitando assim o movimento das forças de *Alexander*. (3).

C) — Realizar a junção posterior das Forças Aliadas do Norte e do Sul da França e estabelecer a frente contínua aliada na fronteira Norte da Alemanha, para completar seu cerco e iniciar a batalha pela sua posse.

D) — Libertar, o mais cedo possível, a França, tirando partido do movimento de resistência francez, mais influente ao Sul".

Nestas condições, a data para sua execução, *Dia D*, foi prevista para o dia 15 de Agosto de 1944.

Para isso as Diretrizes baixadas em fins de Maio, deixaram ao Gen. *Patch*, menos de 3 meses para a preparação de seus planos e a organização de seus meios.

III — OS MEIOS

Ao Gen. *Alexander M. Patch Jr.* — nomeado Cmt. em Chefe dessa operação foi atribuída a responsabilidade de planejar e executar a operação e fornecidos os seguintes meios, os quais passaram ao seu comando em datas diferentes:

A) Meios terrestres

- 1) — 7.º Exército Norte-Americano, sob o comando do próprio Gen. *Patch*, composto:

2) Gen. *Dwight Eisenhower* — Cmt. Supremo das Forças Aliadas no Teatro Europeu.

3) Sir *Harold Alexander* a esse tempo Cmt. do 15.º Grupo de Exércitos constituído pelos 5.º Ex. N. Am. e 8.º Ex. Inglês.

- VI Corpo de Exército Norte-Americano, sob o comando do Gen. *Lucian K. Truscott Jr.*, constituído pelas: 3.^a D.I. — 36.^a D.I. — 45.^a D.I.
- 1.^a S.S.F. (Special Service Force) sob o comando do Gen. *Fredericks B. Butler*
- Divisão Provisória de Paraquedistas (British-American Airborne Task Force)
- Corpo Expedicionário Francês, sob o comando do Gen. *Jean J. de Lattre de Tassigny*, constituído por:
 - 2 C. Ex. (I e II), contando com
 - 2 D.I. (1.^a e 3.^a)
 - 1 D.B. (2.^a)
 - 5 D.I. (sendo duas após 100 dias).

2) O VI C. Ex. é o herói de Anzio. Perdeu sua antiga 34.^a D.I. e recebeu a 36.^a que com o II C. Ex. fez, também, toda a campanha da Sicília e Itália até a Linha Gótica. Possuía Unidades orgânicas e de reforço constantes de A. A. Ae., Art. de Campanha, Carros, Eng. e Trns. Essas G. U., acima, foram retiradas da frente da Itália nas seguintes datas: VI C. Ex (substituído pelo IV) a 13 de junho; 45.^a D.I. a 14 de junho; 3.^a D.I. a 17 e a 36.^a D.I. a 27 de junho.

3) O Corpo Expedicionário Francês, constituído por 3 Divisões principais sendo uma Blindada, dispunha ainda de 5 Divisões — com grande número de tropas coloniais — e algumas unidades de "Comandos", fazendo ao todo 2 C. Ex. Essas Unidades também tomaram parte na campanha da Itália, tendo sido retiradas da frente entre 2 e 21 de julho. Sómente em fins de julho passaram à disposição do Gen. *Patch*.

III) A 1.^a S.S.F., que também combateu na Itália, até a Batalha de Roma, tem uma história original que vale a pena contar :

Quando se pensou na invasão da Noruega, Mr. Churchill, recomendou em carta ao *Presidente Roosevelt* a constituição de uma poderosa força especial, composta de $\frac{2}{3}$ de unidades americanas e de $\frac{1}{3}$ de canadenses, capaz de realizar com treinamento e equipamento especial, operações daquela natureza.

Levada essa carta ao E. M. E. foi distribuída para estudo ao Ten. Cel. *Fredericks B. Butler*, o qual discordou integralmente da idéia e recomendou ao War Department que impedisse a sua realização. Devolvida a Mr. Churchill a carta e o parecer, este respondeu, que mesmo com a opinião em contrário do Ten. Cel. *Fredericks*, êle considerava a idéia muito boa e recomendava ao Governo americano que a realizasse e que encarregasse o próprio Ten. Cel. *Fredericks* de ser o responsável por essa organização...

A influência dos problemas políticos fez-se valer e decidiu o destino deste Ten. Cel., pois não foi somente encarregado de organizar a 1.^a S.S.F. mas de instruí-la e comandá-la. À sua testa como Gen. de Bda., tomou parte na conquista das Aleutas, e, na Europa, como Gen. de Div. fê-la cumprir novas missões.

B) — Meios aéreos

- 1) — XII Comando Aéreo Tático (Tactical Air Command) sob o comando do Gen. *J. K. Cannon*.

ORGANICOS

- 6 Grupos F/B (caça-bombardeiro) — P-47 US (sendo 1 Fr.)
- 3 Grupos F (caça) Spitfire — Br.
- 1 Grupo L/B (bombardeiro-leve) A-20 US
- 3 Esquadrilhas Tac/R (reconhecimento tático) P-51 (1 US, 1 Br. e 1 Fr.)
- 1 Esquadrilha Ph/R (reconhecimento-foto) P-38 US

A DISPOSIÇÃO

- 7 Grupos M/B (bombardeiro-médio) B-25 US
- 21 Grupos H/B (bombardeiro-pesado) B-24, B-17 US
- 3 Grupos F (caça) 2 P-51 e 1 P-38 US
- 3 Grupos F (caça) Spitfire (vindos da Desert Air Force) Br.
- 9 Porta-Aviões da Marinha sendo 7 Br. e 2 US

ALERTADA

- a 8.^a Força Aérea — na Inglaterra.
- 2) A XII Tactical Air Commander tinha suas bases na Corsega e na Sardenha. Contaria com a cooperação da XV, Força Aérea Estratégica, comandada pelo Gen. Nathan F. Twing e supervisão da Força Aérea Estratégica Aliada ("Alied Strategic Air Force").

C) — Meios Navais

- Parte da Esquadra do Mediterrâneo, de valor semelhante à utilizada na invasão da Normandia, sob o comando do Almirante *Cunningham*.

D) — Os *maquis* que no interior da França mantinham-se em ligação pelo rádio clandestino e pela aviação (boletins, meios de combate e subsistência) com os Cmdos dos Ex. Aliados.

IV — O TERRENO

A) — O Gen. Patch em vista da missão, estudou o terreno tendo em conta :

- 1) Onde desembarcar
- 2) Por onde conduzir o seu esforço
- 3) Quais os pontos a conquistar que permitiriam alimantar esse esforço.

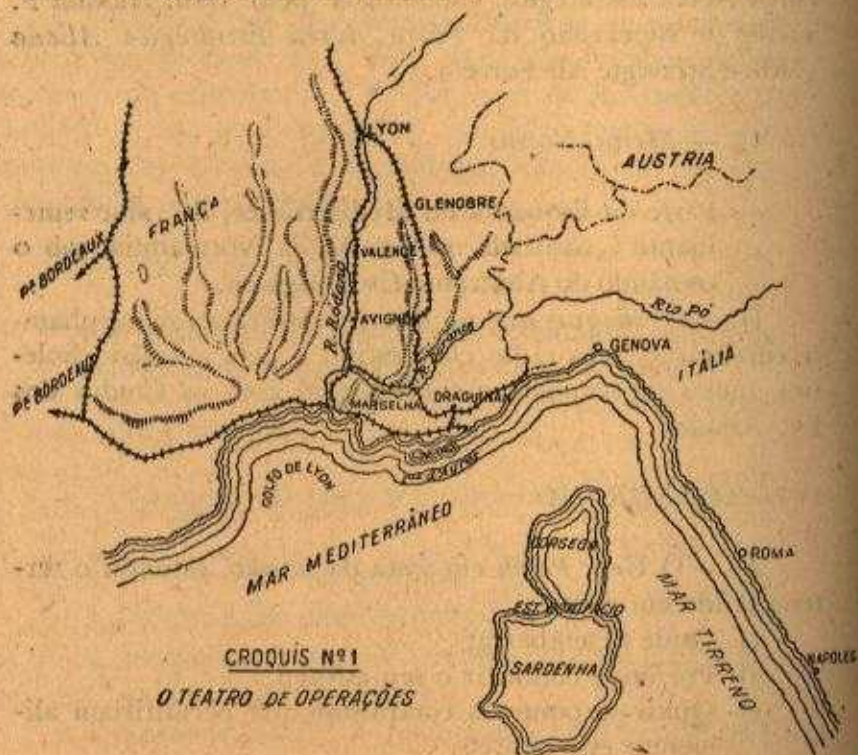
B) — Sob o aspecto geral, tinha a estudar do lado inimigo :

- a costa
- e o interior
- por que do lado amigo estavam
- o mar
- e as bases: Corsega — Sardenha e Itália

C) — *Do lado inimigo:* (Ver croquis n.º 1).

1) — Tendo em vista a sua missão, que em última análise era a de levar seus meios ao coração da França e por fim á fronteira da Alemanha, o *Gen. Patch* concluiu que só duas linhas de penetração lhe interessavam :

— o importante vale do Rhodano — poderoso obstáculo — conjugado com o vale do Saõna.



— o vale do Durance, a garganta de Sisteron para Gap e Grenoble, para novamente cair no Vale do Saôna.

2) — De fato, a W., o Maciço Central, a L., o Maciço de Provença e mais a leste o dos Alpes, definiam os caminhos de penetração e ofereciam pouca possibilidade de manobra e ações de flanco para o inimigo; entretanto a pouca largura de seus vales e a existência de obstáculos, poderiam ser bem explorados pelo defensor si não fossem tomados ou neutralizados a tempo.

3) — Mais para Leste estava o T./Op. da Itália, cuja última linha seria o Rio Pô cobrindo a direção Milão — Lyon, caso os nazistas quizessem reunir meios para a batalha da França.

4) — Mais para W — o vale do Garona, excêntrico em relação á sua manobra, mas importante quanto á proteção da mesma.

5) — O relevo topográfico definia o traçado das comunicações :

Assim é que ao longo dos dois vales correm as duas principais penetrantes: uma rocada busca para W o vale do Garona; outras para L, desbordando o maciço da Provença e acompanhando a costa, buscam a Itália, transpondo os Alpes em seus côlos mais suaves.

6) Neste conjunto destacam-se os seguintes acidentes :
Marselha — Porto de mar principal, pólo de atração das comunicações.

Lyon — Lugar geográfico — ponto de concentração de direções.

Draguignan — Chave das comunicações da costa.

A Garganta de Sisteron — cuja posse anunciaria o franco aproveitamento do êxito.

Grenoble — sôbre o *Isère*, que marcava o início de outro campo de batalha.

Sôbre a costa, excelentes praias de desembarque, particularmente a L. de Marselha onde a suave região da costa

da Provença oferecia um espaço de manobra, antes de se enfrentar o Maciço.

7) Das conclusões imediatas surgia que a conquista de *Marselha* o mais cedo possível, seria imprescindível para poder alimentar a batalha.

Toulon — também importante, mas porto militar apenas, não apresentava o aparelhamento necessário á 4.^a Seção, mas precisaria ser também conquistado para a segurança das operações em *Marselha*.

Assim, entraram nas cogitações, como locais de desembarque :

- *Marselha* — poderosamente defendida.
- *La Ciotat* — entre *Marselha* e *Toulon*.
- *Região Baía de Cavalaire* — entre *Toulon* e *Cannes*.

de forma a aproveitar a planície de *Draguignan* e, orientando-se pelo vale do *L'Argues* atingir rapidamente o *Durance*.

D) — *Do lado amigo cttaremos apenas:*

1) — que a tropa estava no quadrilátero *Corsega* — *Sardenha* — *Nápoles* — *N. África*.

2) — que a distância das bases da Aviação amiga á *Baía de Cavalaire*, aproximadamente de 250/300 Kms., era a menor em relação aos demais pontos de provável desembarque.

V — O INIMIGO

A) — O Exército que dominava o sul da França era o 19.^o Ex. Alemão e parte do 1.^o Ex. A preocupação de *Hitler* em manter a todo custo as conquistas realizadas, dava maior importância ao W da França e às zonas ativas como a *Itália* e, mantinha disperso no S. França o 19.^o Ex. encarregado de assegurar a integridade desse ponto da "Fortaleza Européia" e atuar contra o movimento de resistência francesa que controlava grande parte de *Limousin* — *Auverne* e o Sul de *Borgonha* — atuando ainda em outras regiões.

B) — Seus meios principais estavam assim dispostos :

1 Div. de Defesa de Costa — defendendo a região de Marselha.

1 Div. de Defesa de Costa — defendendo a região de Toulon e para leste.

1 Div. em Draguignan — Aí existia um centro de treinamento do Ex. Francês agora utilizado pelos Alemães e onde eles mantinham sempre o efetivo de 1 Div. em treinamento.

1 Panzer Div. (M.M.) na região Avinhon — Valence como Reserva Mobil.

1 Panzer Div. — nas proximidades de Bordeaux.

1 Div. Reforçada na região Lion-Vichy, demasiadamente ocupada pelos "Maquis" não podendo intervir como reserva tática.

C) — A *costa* era poderosamente armada e defendida, particularmente, em Artilharia. Na península de Hyères estava a sede do Centro de Art. de Costa Francês e toda essa região por motivos de instrução e de guerra fôra poderosamente armada, em posições acadêmicas, as quais, agora, ainda estavam mais reforçadas. As próprias ilhas de Hyères eram consideradas como fortificadas e armadas com Art. de Costa. O esforço da defesa parecia estar na area Marselha-Toulon.

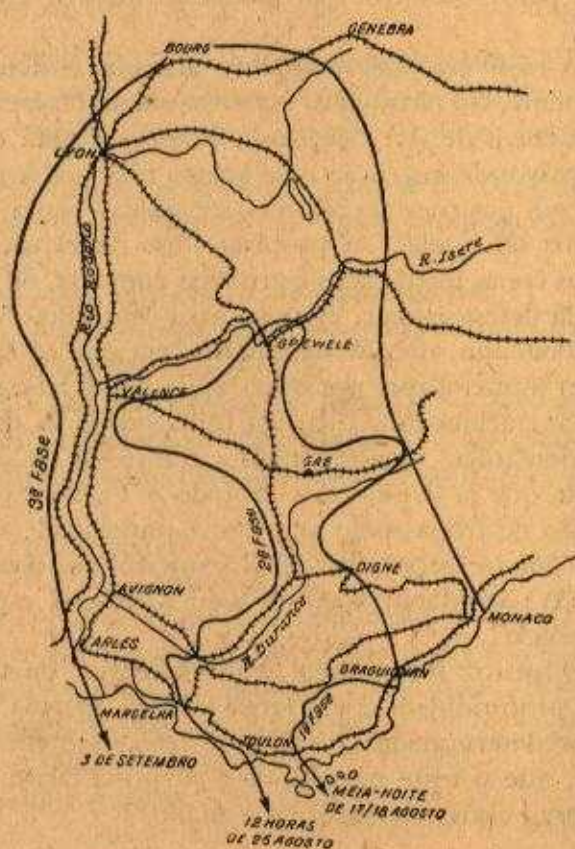
D) — Podendo intervir na batalha, em sua 2.^a faz tal-vez, estavam os meios que por estradas de ferro, rodagem ou avião, fossem trazidos do Teatro da Itália ou do W da França ou da Alemanha. Considerando a conquista da superioridade aérea, que já se esboçava em todo o Teatro Europeu, o movimento de tropas pelo ar parecia impossível. Os destacamentos por terra estavam de (L) sujeitos aos passos dos Alpes, de (W) ao Maciço Central e ao Rhodano, e do N à grande distância.

E) — O quadro do inimigo, assim mostrava: uma defesa com pouca profundidade e em larga frente; reservas móveis sujeitas á predeterminadas direções de ação; elementos mais longínquos, que si fosse conseguida a surpresa tática, só poderiam intervir após o desembarque aliado.

F) — Essas considerações levaram o *Gen. Patch* a definir o seu campo de batalha, limitando-o a W pelo Rhodano inclusive; a L, pelos Alpes Marítimos; ao N pelo vale do Isère, e seria portanto sôbre os pontos críticos desses limites que se faria o isolamento do campo de batalha durante as fases da rutura e alargamento da brecha.

VI — A DECISÃO (Ver croquis n.º 2).

CROQUIS Nº 2
A EXECUÇÃO DA MANOBR



Em consequência o *Gen. Patch* decidiu :

Desembarcar na zona compreendida entre a península D'Hyeres e Cannes, atacando em toda a frente com esforço na direção Baía de Cavalaire, Draguignan, Digne, Sisteron, Gap, Grenoble, de forma a :

— Numa 1.^a fase: Conquistar uma cabeça de praia definida pelas estradas de ferro e de rodagem Toulon-Cannes.

— Numa 2.^a fase: Ampliar e explorar a brecha, de forma a, de um lado, atingir sem perda de tempo a garganta de Sisteron e assegurar sua posse, e de outro, conquistar pela retaguarda, Marselha e Toulon.

— Numa 3.^a fase: Aproveitar o êxito na direção Gap — Grenoble-Lyon, cobrindo-se segundo o vale do Rhodano, de forma a buscar a ligação com as forças de invasão do W da França e, destruir, definitivamente, as forças inimigas que dominam o sul desse país.

CAPITULO III

A EXECUÇÃO DA MANOBRA

1 — A PREPARAÇÃO DOS PLANOS E ORDENS.

A) — Em fins de maio de 1944, baixado o Plano de Manobra pelo *Gen. Patch*, o E. M. do 7.^o Ex. auxiliado, na missão de coordenação entre as 3 Forças Armadas que iriam tomar parte na Operação, pelo *Comando Aliado* do T/Op. do Mediterrâneo assim como os demais E. M. terrestres, aéreos e navais, começaram a trabalhar nos respectivos planos. Já nessa época o *Gen. Patch* sabia quais os possíveis meios aéreos e navais de que poderia dispor — o XII Tactical Air Command e a Esquadra do Mediterrâneo, — e pelo menos já conhecia os seus Comandantes.

Em fins de junho passa á disposição do 7.^o Exército com Q.G. em Nápoles, o VI C. Ex. com as 3.^a, 36.^a, e 45.^a D.I. todas veteranas das Campanhas da Sicília e Itália. O

VI Corpo, também tinha elementos orgânicos de Corpo e reforços, especialmente A. A. Aé., Art. Campanha, alguns Btl. Carros, Eng. e Trans. (O 5.º Ex. Americano nesta época, defrontava a linha Gótica que se estendia pelo N., de Lucca, Florença a Pizarro no Adriático.)

O *Gen. Patch* sabia também, que quanto aos Franceses, poderia contar para 15 de Agosto, Dia D, com o I Corpo de Ex. com 2 D.I. e 1 D.B. e Unidades de "Comandos" experimentadas e treinadas; provavelmente, poderia contar com mais duas a tres D.I. do II Corpo para a 2.ª fase da operação, se necessário.

B) — As 1.ªs Secções estavam habilitadas a montar seus planos de organização, substituições etc. . . Assim como as 4.ª Secções podiam orientar seus calculos para o Plano de Emprego dos Serviços.

C) — As 2.ªs Secções tinham urgência de conhecimento detalhado do terreno, das condições atmosféricas, da ordem de batalha, organizações, localização das armas e possibilidades do inimigo, cobertura fotográfica e confecção de cartas.

Sabendo "a priori", que o inimigo seguramente admitia a possibilidade de um desembarque no Sul da França, a 2.ª Secção montou seu plano de contra-informação com a preocupação de atingir ao máximo a surpresa táctica. Nestas condições, partindo do plano original, seleccionou as 3 áreas de estudo para desembarque: *Marselha*, entre *Toulon* e *Marselha*, e entre *Toulon* e *Cannes*, acrescentando a região ao Sul de *Genova*, para sobre elas fazer a cobertura fotográfica e os reconhecimentos visuais; isto dentro de um programa organizado pela XII TAC, onde a vontade do Chefe, ficou sempre caracterizada, pela presença dos GLO nas unidades de reconhecimento, orientando precisamente os pilotos para os fins determinados.

Nesta ocasião, as XII e XV Força Aéreas já haviam conquistado a superioridade aérea em todo o Teatro de Operações do Mediterrâneo, superioridade essa que foi crescen-

do progressivamente, a ponto de no Dia-D, os aliados terem a esmagadora maioria de 4.000 saídas contra 30 do inimigo.

Nessas condições, as 2.^{as} Secções puderam localizar precisamente por meio de seus "teams" de interpretação fotográfica, as armas da defesa e fazer por intermédio da secção de Eng.^a da Força Aérea uma ampla e cuidadosa cobertura foto da região escolhida e farta distribuição de cartas e mosaicos à tropa.

Ainda em busca da surpresa, a 2.^a Secção recomendou que a Aviação empenhada na manutenção da superioridade aérea, a partir de D-5, começasse a atacar os "radars" inimigos, tendo em vista permitir a aproximação da Esquadra de sua posição de combate sem ser percebida pelo adversário, o que exigiu idêntica ação sobre as 4 zonas já citadas, para não revelar a zona escolhida para o desembarque.

Recomendou, também a Esquadra que os seus reconhecimentos fossem feitos nessas 4 zonas e que ações de diversão fossem montadas com a mesma intensidade em todas elas.

(Isto nos lembra um fato, que serve para mostrar a flexibilidade do povo americano, é que Douglas Fairbanks Jr. — conhecido artista cinematográfico — como Cap. de corveta era Cmt. de uma dessas flotilhas.).

D) — A 3.^a Secção — De posse da interpretação fotográfica, que aliás lhe iludiu em parte, como veremos, recomendou a necessidade de previamente conquistar-se as ilhas de Levante e Port Cros, tomadas como poderosamente armadas, e o Cap. Negre, que flanqueavam a posição e a direção de esforço; e, que Draguignan, chave da 1.^a fase, deveria ser buscada pela manobra, o mais rápido possível.

Em cooperação com as 3.^{as} Secções da Aeronáutica e da Marinha, assentou as condições de execução da manobra, ficando assim decidida, a linha de isolamento do campo de batalha.

As pontes de estrada de ferro sobre o Rhodano, começariam a ser atacadas, assim como as sobre o Isère e outras, mais para W, a partir de D-5.

As pontes das estrada de rodagem, sobre o Rhodano, só seriam 1.^a prioridade no Dia D, tendo por fim anular, de um lado, a antecipada vinda de reforços longínquos e de suprimentos e, de outro, a ação das Panzer que se encontravam em reserva móvel.

A proximidade das cabeceiras do Isère das do Pó, no qual as Unidades Aéreas em cooperação com o 5.^o Ex. Norte-Americano isolavam o seu campo de batalha —, dava uma certa continuidade às ações dos dois Ex. (7.^o e 5.^o) e, uma certa impraticabilidade na intervenção de reforços vindos de Leste. A cooperação entre essas Unidades Aéreas era missão dos respectivos GLO.

A ação sobre os passos dos Alpes, definitivamente isolaria o campo de batalha do T/Op. da Itália e, as sucessivas linhas de segurança do bombardeio aéreo, dariam a necessária liberdade de ação às forças terrestres.

II — DISPOSITIVO. (Ver croquis n.^o 3)

A) — *Em 1.^o escalão*: o VI Corpo de Exército Americano com as 3 Divisões em linha, tendo como reserva um "Combat Team" da 36.^a D. I. reforçado por 1 "Combat Comand" da 2.^a Divisão Blindada do I Corpo de Exército Francês.

B) — *Em 2.^o Escalão*: A reserva, composta do I C. Ex. constituído das 1.^a e 2.^a D. I. e 2.^a D. B.

C) — *Em 3.^o Escalão*: aguardando em terra, na Itália, ordem para embarque, o II Corpo de Ex. Francês, aproximadamente com 3 D. I.

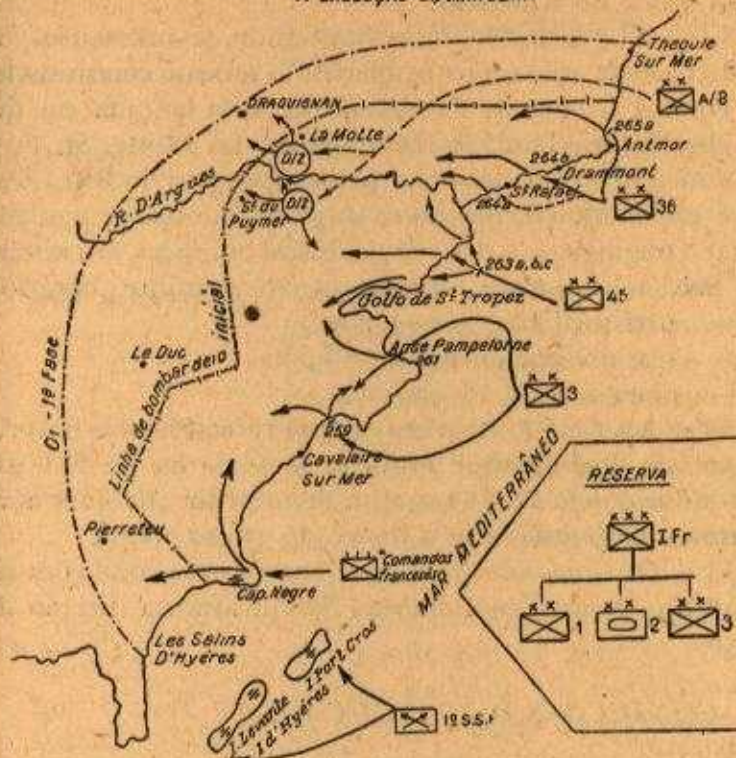
D) — *Accionado, pelo 7.^o Exército.*

1) — A Divisão Provisória de Paraquedistas (Britch. Amedican Airborne Task Force).

2) — A 1.^a S.S.F. (Special Service Force).

3) — Os Comandos Franceses.

GRUPO Nº 3
A EXECUÇÃO DA MANOBRA



III — MISSÕES

A) — O 1.^o escalão deveria:

— na 1.^a fase apoderar-se da altura demarcada pelas estradas de ferro e de rodagem — Toulon — Cannes — e buscar contacto com a Divisão de Paraquedistas.

— numa 2.^a fase, alargar e aprofundar a brecha de forma a apoderar-se de Toulon, Marselha, e atingir o Vale do Durance.

— numa 3.^a fase prosseguir no aproveitamento do êxito sobre Lyon.

B) — O 2.^o escalão, deveria desembarcar sob ordem na esteira do 1.^o escalão, em condições, de aprofundar o êxito na direcção de Grenoble ou de rebater-se na direcção de

Avignon e, isolando Marselha, cobrir o flanco do ataque segundo o vale do Rhodano.

C) — O 3.^o escalão, seria empregado, si necessário, na manutenção da ação ou na ocupação do terreno conquistado.

D) — A *Divisão de Paraquedistas*, seria lançada no dia D. sobre as proximidades Draguignan, La Motte, St. Puymer, com a missão de apoderar-se das passagens do Rio L'Argues e, explorando ao máximo a surpresa, esforçar-se por conquistar Draguignan e destruir as forças inimigas aí existentes. Seu acionamento obedeceria ao seguinte horário:

- paraquedistas 4.00 horas.
- reaprovisionamento 8.00 horas.
- planadoristas 16.00 horas.

E) — A 1.^a S.S.F. em vista de suas características deveria realizar um desembarque noturno às 22,00 hs. de D-1 nas ilhas de Levante e Port-Cros afim de impedir qualquer ação das armas da defesa sobre o flanco do grosso ataque.

F) — Os *Comandos franceses*, nas mesmas condições sobre o Cap. Negre, que também flanqueavam a direção de esforço.

IV — CONDIÇÕES DE EXECUÇÃO

Dia D-1

- 22.00 — 1.^a S. S. F. e os Comandos Franceses assaltariam, respectivamente, a ilha de Levante e Port Cros e o Cap. Negre.

Dia D

- 04.00 — Lançamento da Divisão de Paraquedistas na Zona de Lançamento.
- 05.50 às 06.10 — Aurora civil. A esquadra deslocar-se-ia da area de reunião para a área de combate. Os caça-bombardeiros atacariam pelos clarões produzidos pelos canhões da costa. Caso esses não atiras-

sem, atacariam movimentos ou alvos suspeitos.

06.10 — Alvorecer.

06.10 às 07.00 — Caça-bombardeiros atacariam as posições de baterias conhecidas, cobrindo a tomada de posições de combate pela Esquadra.

07.00 às 07.30 — Bombardeiros pesados e médios bombardeariam as praias de desembarque, para remover ou abrir brechas nas redes de arame. (Utilizaram 100 tons. de bombas por 1.000 jardas de praia). A esquadra tomaria sob seus fogos a ação de destruição das Bais de Costa conhecidas e, a neutralização das que se revelassem.

07.30 às 08.00 — Caça-Bombardeiros, encarregar-se-iam da manutenção da neutralização dos canhões da costa. A Esquadra atacaria as organizações e observatórios da praia com seus canhões e barragens de foguetes, estes durante os 3 últimos minutos, com o consumo de 32.000 granadas-foguete por minuto.

08.00 — *Hora H. Desembarque*

08.00 às 12.00 — Caça-Bombardeiros, realizariam missões pedidas, sobre objetivos inopinados, canhões, resistências, reservas etc. e os bombardeiros médios completariam o isolamento do campo de batalha, atuando particularmente sobre o Rhodano.

12.00 às 17.50 — Caça-Bombardeiros realizariam reconhecimento armado, atacando unidades em movimento na retaguarda e

bardeando pontos críticos da rede de comunicações.

Dia D + 1

- Todas as missões de caça-bombardeiros seriam chamadas, as de bombardeiro-médio, seriam no isolamento do Campo de batalha e os bombardeiros pesados ficariam em alerta.

— Os aviões, para execução de suas tarefas, decolariam de noite, reunir-se-iam na area de reunião em formação de Regimento, rodando sobre a Córsega cerca de 20 minutos, até 50 minutos antes das respectiva hora H, tempo de voo daí até a costa (cerca de 250 a 300 Kms).

— A Esquadra de desembarque — partindo de Nápoles a D-3 em vários comboios tomariam como area de reunião o Estreito de Bonifácio de onde os elementos avançados partiriam na manhã de D-1 e o grosso ao cair da noite, para a zona de combate.

V — CONDUTA DA BATALHA. (Como decorreu a batalha) (Ver croquis n.º 2, 3 e 4).

A) — No dia D-1 às 22 h. por um movimento combinado, os Comandos Franceses e a 1.ª S.S.F. desembarcam de surpresa, nos pontos determinados.

A 1.ª S.S.F. encontrou facilitada sua missão porque os canhões das ilhas, julgados como perigosa ameaça, eram de madeira, do que resultou importante ensinamento para os "teams" de interpretação fotográfica.

A reação encontrada pelos Comandos Francêses, que dura até D + 1 foi reduzida pelo reforço dado pela 1.ª S.S.F.

B) — As 4.00 hs. os primeiros elementos paraquedistas são lançados sobre a Zona de Lançamento (Drop Zone) protegidos apenas por 3 Spitfire (nesta época a superioridade aérea aliada era absoluta), sendo que por uma má ope-

CROQUIS Nº 4
Da Baviera ao Reno - 15 de Agosto - 23 de Novembro
 — de 1944 —



ração de ligação rádio, 2 Cias. são lançadas fora dessa D/Z nas alturas de Le Muy. Como é da técnica, não perderam tempo e prepararam o terreno para futuras operações, e tão bem, que o erro redundou em acerto, pois, aí o Gen. Patch instalou seu 1.º Q.G. em terra. A surpresa é realizada. O 1.º "Combat-Team" salta ao sul do rio L'Argues e domina suas passagens encurralando 2 Divisões (aproximadamente) em Darguignan; os outros 2 "C.T." ao N. do rio, iniciam a manobra para conquistar a cidade e destruir o inimigo.

C) — A Aeronáutica à hora prevista, inicia sua ação sobre as defesas do inimigo. A preparação pelo ar realizou-se com tal segurança, que as 3 Divisões de 1.º escalão desembarcaram e fincaram pé no terreno, absolutamente sem baixas, a

não ser o 246 R.I. que teve baixas por minas anti-pessoal e armadilhas.

D) — A operação prossegue com tal rapidez que em fim de jornada de D o 2.^o escalão iniciava o desembarque, e elementos avançados do Esquadrão de Reconhecimento da 45.^a D.I. entrava em contato com patrulhas da Divisão de Paraquedistas (Airbone Division).

Em fim de jornada de 17/18 a 1.^a faze estava completada e o 2.^o escalão desembarcado.

A ação de isolamento do campo de batalha pela Aeronáutica, imobilisara definitivamente as reservas móveis do inimigo, que ficaram impossibilitadas de agir. Seus meios longínquos não se moveram, assoberbados como estavam com as forças de *Eisenhower*.

Hitler pagou caro não ter seguido o conselho de seus verdadeiros Generais, não manobrando em linhas interiores. Preferindo manter todas as conquistas anteriores foi fraco em toda a frente, e estava sendo derrotado por partes.

E) — Em face da rapidez da ação o *Gen. Patch* não perdeu tempo também, reajustando seu dispositivo para o aproveitamento do êxito. Lançou o I Corpo Francês para W alargando a brecha, encarregando-o da conquista de Marselha e da cobertura sobre o Rhodano do flanco do ataque. Constituiu 1 Task Force (grupamento tático) sob o comando do *Gen. Fredericks B. Butler*, de 1 B.C.C., 1 Grupo de Art. 105, 1 Btl. de TD, 1 Btl. Inf. Motorizada, 1 Cia. de Eng. de Aviação e 1 Ala de Reconhecimento Moto-mecanizada e joga-a sobre Sisteron para apoderar-se da garganta, ganhar liberdade de ação e, em seguida, lançar-se sobre Grenoble e fechar as saídas do campo de batalha.

— A 36.^a D.I. é motorizada e lançada em seu encalço, caracterizando a vontade do chefe.

— A 45.^a D.I. lançada na direção de Tarascon tem a missão agora, de cobrir o intervalo entre o I Corpo Francês e o VI Corpo Americano.

— A 3.^a D.I. emprega-se na conquista de Toulon.

— A Div. de Paraquedistas cobre o flanco direito, após apoderar-se de Draguignan. Posteriormente é substituída por 1 Div. Francêsa do 3.^o escalão.

— Os "maquis" cooperam com as forças aliadas em todos os trabalhos auxiliares, orientação, mão de obra e limpeza das cidades conquistadas.

F) — Às 12.00 hs. do dia 25 de Agosto, a 2.^a fase estava praticamente completada. A ação fôra tão rápida que só a flexibilidade do E.M. e a aplicação do GLO System com o uso dos Controladores Avançados ("Forward Controller"), puderam obter resultados da Aeronáutica (1). Não podia haver mais linhas de bombardeio e foi preciso limitar a ação da Aeronáutica a alvos inconfundíveis ou sómente á ações pedidas de terra pelas D.I. por intermedio do GLO System.

G) — A 4 de Setembro as forças aliadas haviam ultrapassado Lyon e se encontravam na fronteira da Suíça ao Sul de Genova. A 14 de Setembro ligavam-se com os elementos do III Ex. de Patton em Besançon.

H) — Um plano concebido para conquistar

Marselha a D + 60
Toulon a D + 30
Grenoble a D + 50
Lyon a D + 100

Tem como execução :

Marselha a D + 9
Toulon a D + 10
Grenoble a D + 10
Lyon a D + 19

I) 15.000 galões de gasolina foram consumidos para levar o VI corpo a Grenoble e foi preciso a paralização de todos os meios que não eram de 1.^a urgência como a A.A.Aé. (dispensável ante a superioridade aérea) para motorizar os

elementos de infantaria e serviços adicionais que representariam na vanguarda a vontade do chefe.

K) Fruto de uma vontade única conduzindo uma tropa instruída e experimentada com E.M. técnicos e capazes. Emprego de uma Doutrina com a flexibilidade exigida, ou seja, usando os processos que a situação requeria.

CAPITULO IV

CONCLUSÕES E ENSINAMENTOS

I — CRÍTICA A LUZ DOS PRINCÍPIOS

De fato, o que vimos em aplicação, em relação ao que alinhamos em nossas Considerações Preliminares?

A) — Que os *princípios fundamentais*, foram sempre os guias dessa manobra desde a concepção até a finalização.

Impôr a vontade ao inimigo — foi buscado sempre, pela segurança dos planos, rapidez de ação e justeza dos meios empregados em relação à situação.

Conservar a liberdade de ação — é testemunhada pela busca constante da informação e a organização da segurança; o isolamento do campo de batalha; a articulação do dispositivo; a paralização das reservas do inimigo e a conquista dos pontos críticos do terreno, além da superioridade absoluta no ar.

Economia de forças — é realizada integralmente, pela definição do esforço, pela brutalidade do fogo poupando homens e pelos resultados da operação.

B) — Que a *aplicação desses princípios é a manobra* que vem a ser "concentrações de forças e combinações de esforços em direções correspondentes aos fins visados", a própria descrição da operação com o emprego da Divisão de Paraquedistas, da ação envolvente sobre Marselha-Toulon, da rápida exploração do êxito, a par da manobra naval e aérea, é eloquente por si mesma.

C) — *Que o bom êxito repousa.*

— na *surpresa* que se obtém pelo *segredo*, *velocidade* e *imprevisto* da ação, pudemos acompanhar, desde a preparação do plano até o desembarque, em que o segredo foi mantido, e na execução, em que a velocidade e o imprevisto para o inimigo, foram explorados ao máximo.

— na *previsão*, que entretanto não exclue as iniciativas audaciosas, a evidência é mostrada pelas próprias datas da operação realizada.

D) — *Que a unidade de ação* — é a base do êxito na batalha ofensiva e que a *idéia de manobra* é

— direção e

— objetivos, foi também atendido com a manutenção da unidade na mão de *Patch*, a despeito da variedade dos meios, pela constância da direção visando Lyon, através o vale do Durance, pela sucessão de objetivos traçados na concepção da manobra e alcançados pela execução, entre eles o principal e decisivo, de destruir as forças inimigas.

E) — Que a batalha ofensiva apresenta 3 *fazes não compartimentadas de forma estanque*, vimos, pela aproximação da Esquadra: um como que engajamento dos "Comandos", e 1.^a S.S.F. e a passagem ao ataque, com o grosso dos meios, como também a tomada do aproveitamento de êxito, sem perda de tempo.

F) — Que o ataque é o *fogo superior que progride* — a rapidez da ação o comprovou; *que não se lança homens contra material*, o número zero das baixas por projétil ou estilhaço na fase do desembarque, é documento insuperável.

G) — Que o *método de raciocínio* que adotamos foi o utilizado, nós o demonstramos pela forma como estudamos a operação.

H) — *Que a técnica de trabalho do E.M.* foi a nossa, pudemos ver na preparação do plano e na execução da manobra, em que a personalidade do chefe imprimiu a vontade, os E.M. deram forma a essa vontade e, a tropa lhe deu vida.

I) — *Que a parte artística da doutrina, expressa :*

- na personalidade do chefe
- na habilidade do E. M.
- no grau de preparação da tropa, animados todos pela mesma flama e brilho na execução da operação, pensamos ter sido amplamente demonstrada.

J) — Finalmente, que a *doutrina* que nessa casa aprendemos, herança do espírito francês e adaptada às nossas realidades pelos nossos chefes, — está em perfeita e real atualização. Novos processos surgiram, não só materiais como de ação resultantes do aproveitamento de novos meios e entre eles se destacam:

- A ação em massa da Aeronáutica
- A necessidade portanto de um G. L. O. System
- O emprego das Divisões de Paraquedistas
- Os meios de transmissões particularmente o rádio e o radar, dotados em larga escala.
- A motorização dos serviços e de todas as Unidades.
- A tendência para a descentralização do Comando.

K) Todas essas cousas, que não são novidades completas, caracterizam entretanto o aspecto da nova guerra. Novos meios e processos novos tornam a guerra mais ampla sob todas as dimensões e a batalha mais movel. Formada de imprevistos como toda a guerra, a vitória está condicionada à vontade conduzida por um raciocínio lógico, cuja base está num método de analisar fatores e tomar uma decisão, pela síntese de suas conclusões.

II — *A MARCHA NAPOLEÔNICA* — Finalmente, para consolidar essas idéias ilustraremos com um exemplo histórico :

“O espetacular progresso do *Gen. Patch* para o N. até Grenoble e Lyon pôde ser comparado com a marcha de *Napoleão*, com seus 1.100 homens quando de sua volta da ilha de Elba em Março de 1815. *Napoleão* desembarcou no Golfo Juan mais perto de Cannes do que as praias utilizadas por *Patch* em 15 de Agosto de 1944, e a sua vontade era livrar-se

o mais cedo possível da perigosa "região realista" da costa da Provença, e assim atingiu Grasse a D+1. Sómente a D+3 é que elementos de reconhecimento americanos chegaram a essa cidade, mas esse retardo não é verdadeiramente uma desvantagem, porque para aí rebatia-se o flanco direito do VI Corpo e não era a direção de seu esforço principal. As rotas dos 2 Exércitos convergem para Castellane, sobre o Rio Vernon; *Napoleão* passou por aí vadeando-o a pé e apoiado em sua bengala a D+2. Os *Americanos* a D+3. Para o *Imperador* a passagem da garganta de Sisteron era vital, porque era lá que ele temia ser detido pelas forças regulares que subissem de Marselha. E para fugir a isto, por marchas forçadas, atingiu o rio Durance a W de Digne na tarde de D+3 e daí através o Sisteron para Gap em um dia de marcha de 64 Kms. As Colunas do *Gen. Patch* cruzaram o Durance cedo a D+4 e tomaram Gap depois de rápido combate na manhã de 21 de Agosto (D+6). Grenoble foi atingida por *Napoleão* a pé a D+6, mas aí sua marcha de 320 Kms. se deteve por 36 horas de repouso e antes da manhã de D+8 ele cruzava o Rio Isere para o Norte em busca de Lyon. Os *Americanos* cerram sobre Grenoble a D+7 e no dia seguinte seus elementos avançados estavam já a 8 Kms. para o Norte. A cidade só foi totalmente ocupada a D+10, mas seus elementos avançados a desbordaram antes e prosseguiram.

Duas operações, com 130 anos de distância, conduzidas com meios e processos diferentes, encontram na aplicação da mesma Doutrina uma solução absolutamente semelhante.

III — OBSERVAÇÕES FINAIS

Creio que atingimos assim plenamente, os objetivos primordiais que tínhamos em mente, os quais expuzemos aqui no início dessa longa palestra. E se conseguimos provar que os conhecimentos profissionais e a Doutrina que se ministra, nesta Casa, que tudo enfim que aqui praticamos está certo, uma pergunta, talvez, surgirá como já nos fizeram há dias.

Qual a vantagem de ir então aos EE. UU. aperfeiçoar-mo-nos em suas Escolas?

Enorme — responderemos, e deve ser cada vez mais intensificada a política de mandar oficiais do Exército aquele país, particularmente os de E.M. Si o conhecimento da doutrina, a segurança de emprego do método e da técnica de trabalho, são condições necessárias, básicas, fundamentais para o êxito do problema tático ou estratégico, elas não são suficientes, por que é preciso pô-las em funcionamento com os novos processos resultantes de novos meios que dia a dia evoluem e acompanham o feitiço técnico e social dos grandes povos.

Portanto, enquanto não tivermos o desenvolvimento industrial e educacional que caracterizam as grandes potências, será com a experiência dessa, que nos recebe com especial estima e confiança, que poderemos de perto assistir e acompanhar a evolução desses novos processos.

Sem citar o problema internacional da amizade entre os povos, que não é necessário ressaltar, há um mundo de questões sociais, de imponderáveis de toda a ordem que o convívio e a observação de um grande povo, oferecem a um oficial, mormente, de E.M. São fatos que terão poderosa influência no amadurecimento de seu espírito, na compreensão de inúmeros fenômenos complexos e que se refletirão mais tarde em seus trabalhos profissionais e em suas decisões como chefe.

Daremos como exemplo, que tendo deixado os bancos desta Escola em março de 1944, em setembro deste mesmo ano, já consideramos novidade, em Levenworth em Key Field (G. L. O. School), Fort Knox e outros centros, os seguintes assuntos :

- a técnica de funcionamento das 1.^a, 2.^a, 3.^a e 4.^a seção em alguns de seus aspectos e atribuições.
- as operações anfíbias, de GU paraquedistas, de emprego de blindados, inclusive TD, de Art. AAe, etc. . .
- orientação, métodos e técnica pedagógica.

— emprêgo da Aeronáutica e todo o seu moderno equipamento de terra e ar.

— os mais variados e modernos tipos de equipamento de treinamento e de combate.

— as mais modernas armas individuais

— os mais modernos carros e material moto-mecanizado

— minas e armadilhas.

— rações, 1.ºs socorros, transportes.

Enfim milhares de cousas que não poderíamos conhecer no Brasil, sem considerar ainda as grandes observações de ordem social como as referentes,

à organização, à disciplina, à hierarquia, aos métodos de trabalho, à honestidade profissional, etc., etc..

TERMINANDO :

Fazemos votos, que essas nossas palavras, tenham contribuído para aumentar cada vez mais o prestígio desta Casa, e para ressaltar a importância do íntimo intercâmbio cultural com as Forças Armadas dos E.E. U.U. da América do Norte. Agradecemos penhorados a gentileza com que nos ouviram, e aproveitamos a oportunidade para render as nossas homenagens ao Cel. John Hansborough, Cmt. do *Ground Liaison Officer School*, com quem obtivemos a maior parte dos dados históricos desta conferência.

FONTES DE CONSULTA :

- (1) Cel. John Hansborough do Ex. N. Americano, Cmt. do GLO School Key Field, Meridian, Mississippi.
- (2) Gen. Marchall. Relatórios.
- (3) Army and Navy Journal — (Resumo da campanha em todos os Teatros de Operações.
- (4) Boletins de informações do Ex. Inglês.
- (5) Cap. Geraldo de Meneses Cortes — A Batalha de Roma (inedito) Notas e documentação sobre a campanha da Itália.
- (6) Do autor — notas e documentação sobre a 2.ª Guerra Mundial.

ERRATA:

No croquis n.º 2, onde se lê *Grewels*, leia-se *Grenoble* e onde se lê *Gap*, leia-se *Gap*.

Sugestões para a solução de alguns problemas

Ten. Cel. J. B. DE MATTOS

SOBRE A MATRÍCULA NA ESCOLA MILITAR

Vem sendo objeto de comentários o pequeno número de candidatos civis à matrícula na Escola Militar.

As sucessivas concessões feitas pela Diretoria de Ensino, demonstra o interesse que a atual administração tem em solucionar o assunto.

As opiniões sobre as causas do pouco interesse dos candidatos variam muito, conforme nos tem sido dado registrar.

A recordação do que observamos com relação à matrícula no C. P. O. R. de Porto Alegre, quando servíamos na 3.^a Secção do Estado Maior Regional, animou-nos a apresentar uma sugestão para o caso da Escola Militar.

A matrícula no C.P.O.R. de Porto Alegre em 1938, nas quatro armas, era pequena e conseqüentemente o seu funcionamento não compensava as despesas de administração e instrução. Procedidos os estudos sobre a possibilidade de aumentar o número de alunos, procurou-se saber a percentagem dos outros C.P.O.R. em relação à população acadêmica e então verificou-se que o C.P.O.R. de Porto Alegre estava dentro da percentagem que se não nos falha a memória era de 10 %.

Ora, com relação a Escola Militar quer nos parecer que a fonte principal de recrutamento deverá ser o Distrito Federal onde a população ginásiana ou colegial é a maior do Brasil. Entretanto no D. Federal não há uma Escola Preparatória.

É verdade que os exames para as Escolas Preparatorias *hoje* já são realizados aqui e os transportes para as sedes das escolas existentes são fornecidos pelo Estado. Quem porém já teve a felicidade de servir nos Estados quer do Sul e quer do Norte, sabe perfeitamente que o intercâmbio das famílias entre os Estados e o D. Federal é frequente, e mesmo comum a existência de parentes no Rio, e isso encorajará o envio dos jovens candidatos.

Há certamente outras causas importantes, mas a que focalizamos, baseia-se na estatística e como exemplo temos o número de candidatos a Escola de Aeronáutica que se eleva anualmente a mais de 2.000.

E quem no Exército não se recorda do antigo Curso Anexo da Escola Militar, num tempo em que os livros eram bem mais baratos e as facilidades no ensino civil eram também maiores.

Conservar apenas o Colégio Militar como fonte de recrutamento para a Escola é retardar a solução do problema não só pelo custo do ensino como também pela reduzida capacidade de matrícula naquele estabelecimento.

A solução para o aumento de candidatos à E. Militar depende, a nosso ver, da criação duma Escola Preparatória no Distrito Federal.

SOBRE A MOTORIZAÇÃO EM MASSA DAS UNIDADES DE INFANTARIA

As conclusões que temos tirado de leituras e de conversas sobre a Infantaria na última guerra, são de molde a entusiasmar os infantes de todos os postos da hierarquia.

A Infantaria conservou todas as missões previstas antes da guerra, porque as cumpriu com eficiência, embora com os pesados sacrifícios de sempre.

Com relação ao ritmo das operações, além da previsão de utilização de todos os meios de transporte conhecidos (caminhão, viatura blindada, avião, planador, etc.) im-

poz-se o aumento da etapa de marcha, porque na zona de morte cessa o transporte (exceto o blindado).

É preciso não se perder de vista que a arma da Infantaria é o *homem*, como da Artilharia é o *canhão*.

Parece pois que em tempo de paz a instrução á pé deve ser normal, senão a única. O Infante deve marchar, marchar e marchar sempre.

Impedir que se torne reflexo os conjugados, comandos-jeeps e soldado-caminhão, deve ser a preocupação de todo o Cmt. de Infantaria.

Rio — Março de 1946.



CONSERVA

a beleza de sua cútis, liberta-a das espinhas e cravos, combatendo-as na sua causa mais frequente: — as perturbações digestivas!

O "Sal de Fructa" Eno é o regulador ideal do sistema intestinal.

Não confunda: —

ENO "SAL DE FRUCTA"

